

**MARIO SERGIO
CORTELLA**

PAULO JEBAILI



A FORÇA DA PERSISTÊNCIA



SUMÁRIO

LIVRO TAMBÉM TEM MAKING OF	7
AINDA DÁ: O ESFORÇO DE IR ALÉM, SABENDO QUE SÓ QUERER NÃO BASTA.....	15
ENTUSIASMO REQUER TALENTO E A FORÇA QUE VEM DE DENTRO!.....	25
AINDA DÁ? DESDE QUE FACTÍVEL.....	35
“AINDA DÁ” DÁ TRABALHO: A VIDA É MAIS DURA PARA QUEM É MOLE!	47
“AINDA DÁ” x “AH, NÃO DÁ”: O PODER DO PROPÓSITO.....	57
PERSISTÊNCIA NÃO É TEIMOSIA E PACIÊNCIA NÃO É LERDEZA!	67
O POSSÍVEL MELHOR, A EXCELÊNCIA E O PERFECCIONISMO	77
O MELHOR DO PIOR: SUCESSOS E FRACASSOS SÃO RELATIVOS!	89

AINDA DÁ TEMPO? NEM OITO E NEM OITENTA...	99
COMEÇOS E RECOMEÇOS: CONSISTÊNCIA, PERSISTÊNCIA, RESISTÊNCIA.....	109
ATÉ ONDE DÁ? TEMPO, VIDA E FINITUDES.....	121
DEU CERTO! E AGORA? NÃO DEU CERTO! E AGORA?	131



Planeta

CAPÍTULO 1

Ainda dá: o esforço de ir além, sabendo que só querer não basta...

*"Realizando coisas justas, tornamo-nos
justos; realizando coisas moderadas, tornamo-nos
moderados; fazendo coisas corajosas,
tornamo-nos corajosos."
(Aristóteles, Ética a Nicômaco)*



“Ganbatte! Ganbatte!” Com essa expressão, os espectadores da Maratona de Fukuoka, no Japão, procuravam estimular a corredora Rei Iida a completar seu trecho na prova de revezamento. Era a edição de 2018 da prova, Rei Iida engatinhava na tentativa de entregar o bastão à companheira de equipe. Ela havia fraturado a perna quando faltavam pouco mais de 200 metros para concluir o seu trajeto. Sem conseguir ficar de pé, decidiu continuar apoiando-se nos joelhos e nas mãos. No asfalto, manchas de sangue dos joelhos ralados marcavam a trilha da atleta japonesa até o ponto de passagem.

No idioma japonês, *ganbatte* (com a variação *ganbare*) vem do verbo *ganbaru*, que significa fazer o seu melhor esforço, se esmerar no que está executando, suportar a dificuldade. Carrega também um desejo de “boa sorte”, de “bons ventos o levem”. Em primeira pessoa, pode ter a forma reflexiva *ganbarimasu*, expressão equivalente a “farei o meu melhor”.

Fosse pelo compromisso consigo mesma ou pelo desejo de honrar todo o seu esforço da preparação, fosse para não carregar a dor da desistência ou pelo comprometimento com uma causa que envolvia outras integrantes da equipe, Rei Iida fez o seu melhor na circunstância em que se encontrava. Considerou que ainda dava para percorrer um trecho de maratona mesmo sem a condição básica de usar o pé.

Emblemático, esse episódio traz a percepção do “ainda dá” como uma atitude diante das dificuldades. Os incentivos da torcida podem ter contribuído para Rei Iida ter concluído seu trajeto, mas a missão foi cumprida sobretudo pela força interna da atleta japonesa.

O “ainda dá” é aquele esforço a mais para alcançar uma condição melhor, para produzir um resultado mais satisfatório. É o jogador que vai na bola que parece perdida. É o escritor que busca a palavra precisa para tornar a ideia mais inteligível. É o ator ou a atriz que testa as inflexões possíveis até achar aquela que deixe sua personagem mais crível. É o cientista que não desiste após os primeiros experimentos falharem.

A sensação de “dei o melhor de mim” é uma das mais vitalizantes da experiência humana. Especialmente pela paz de espírito que proporciona. Se atinjo a minha meta, me sinto recompensado pelo esforço feito. Se não obtenho o resultado esperado, ao menos tenho consciência de que não foi por falta de empenho. Pode ser que circunstâncias tenham interferido,

ou pode ser que eu não estivesse devidamente preparado – o que aperfeiçoa a reflexão sobre as minhas condições atuais e, portanto, é algo positivo. O exercício de analisar virtudes e limitações é um caminho para o autoconhecimento. E, ao buscar equacionar esses pontos fortes e fracos, abre-se um caminho para o autodesenvolvimento.

Se eu não tivesse dado aquele passo a mais, provavelmente eu perderia aquela oportunidade. Se a aproveitei e consegui meu intento, ótimo. Se identifiquei a oportunidade, mas os resultados não saíram como o esperado, pelo menos eu tentei. Fiz a escolha e dei o meu máximo na minha circunstância. Não deu? Posso analisar as variáveis e tomar como aprendizado para a próxima tentativa. De todo modo, é melhor do que não ter tentado e ficar na nostalgia do “ah, se eu tivesse feito...”. Ou do que carregar a sensação de que o medo do fracasso falou mais alto que o desejo de sucesso.

Afinal, a consciência da covardia de si mesmo é muito incômoda, muito dolorida. Quando você, intimamente, se sabe covarde, convive com uma perturbação. Há decisões que podem gerar frustração, mas o peso é menor do que o arrependimento de ter desistido antes mesmo de tentar.

É evidente que, em qualquer tomada de decisão, deve-se considerar a possibilidade de um passo que não seja bem-sucedido ou de um resultado que fique

aquém da expectativa. Ainda assim, não dar o passo é a impossibilidade de prová-lo. Toda experimentação carrega alguma dose de perigo. Não é casual que as palavras “perigo”, “experimental” e “perícia” tenham origem no antigo verbo latino *periri*.

Ficar no meio do caminho é sempre desperdiçar uma possibilidade, o que leva àquela sensação da vida que acontece no futuro do pretérito, o território imaginário daquilo que não se concretizou: “eu poderia ter feito”, “eu deveria ter tentado”, “eu precisaria ter insistido”, “eu conseguiria, se...”, “eu chegaria, caso...”.

Cada pessoa tem um limiar para lidar com o risco. Algumas não trocam o certo pelo duvidoso, mesmo que o certo não seja bom nem gratificante. De fato, ficar onde se está é sempre mais cômodo, mas comodidade nem sempre é indicativo de uma vida melhor.

O poeta paulistano Paulo Bomfim, no livro *O colecionador de minutos* (Gente, 2006), escreve que “não devemos nunca nos acostumar com a vida, isso seria a morte”. Ele emprega o verbo “acostumar” no sentido de acomodar. Portanto, não se acostumar significa recusar a ideia de que as coisas são como são e não poderiam ser de outro modo.

Quando a expressão “ainda dá” vem à tona, ela está muito ligada à ideia de competição. E não exclusivamente no âmbito esportivo. Eu posso estar, de fato, numa competição com o outro, mas também competindo comigo mesmo, lutando contra uma doença,

contra a morte, lutando contra as crenças limitantes ou contra uma vida morna.

Porém, e isto é por demais importante, em nenhum momento a ideia de “ainda dá” tem a intenção de dizer “se quiser, você alcança”, “se desejar profundamente, você realiza”. Definitivamente, não é esse o espírito desta obra!

“Ainda dá” é um mote para dar ânimo, alude a um estado de alma que me incline, me deixe mais propenso a procurar o meu objetivo. Não basta, contudo, eu me fiar no sonho, no desejo. Eu preciso avaliar cuidadosamente quais as condições de que disponho, em termos de estrutura, de competências, de cenário e de planejamento, entre outros fatores.

O desejo é um bom ponto de partida, mas dizer “acredite no seu sonho que ainda dá” é levar para uma instância quase mística algo que precisa ser construído em bases concretas.

Não se trata de desqualificar o desejo, isso seria tolo, pois ele cumpre um papel importante. Mas esse papel não é decisivo, muito menos exclusivo, para colocar um projeto em andamento. O querer faz com que eu inicie a caminhada, mas de maneira alguma garante que a trajetória será bem-sucedida.

Quais são os limites da força de vontade? A própria realidade. Não apenas no que se refere aos meus atributos, mas aos fatores que descrevem a minha circunstância, aquilo que está à minha volta.

A antiga frase “o impossível não é um fato, apenas uma opinião” não quer dizer que qualquer coisa que se busque será alcançada apenas porque é desejada de modo intenso. O impacto dessa frase está na ideia de que os limites podem ser questionados. Em um certo sentido, é também um manifesto contra os derrotistas de plantão. Aqueles que, antes de qualquer tentativa ou de qualquer análise mais acurada, se apressam em dizer que não vai dar certo, que é impossível, que não há condições, que não vale a pena... que não dá.

Cabe reparar que muitas das coisas presentes no nosso cotidiano, em algum momento, foram tomadas como impossíveis. Ir de um continente ao outro cruzando os céus foi algo impossível num dado momento da história humana. Comunicar-se com alguém do outro lado do mundo tecendo frases numa tela foi inexecutável durante séculos.

O italiano Leonardo da Vinci (1452-1519), um dos grandes exemplos da inventividade humana, tem entre seus projetos um objeto voador, que alguns supõem ser um protótipo do helicóptero. A genialidade de Da Vinci antecipou a possibilidade, mas não a concretização. Porque ele não teria como fazer aquele equipamento voar. Não por uma limitação dele, mas porque as condições não o permitiam. Não havia estudos avançados nessa área, nem material, tampouco mecanismos de propulsão. Apesar de ser um polímata – alguém dotado de várias habilidades em diversas áreas (era engenheiro, botânico,

matemático, pintor, escultor...) –, Da Vinci tinha o seu limite, estabelecido pelas circunstâncias.

A imaginação é matéria-prima para toda e qualquer invenção. Tudo o que existe no mundo existiu antes na imaginação de alguém. Projetar uma realidade, portanto, faz parte do desenvolvimento humano. E isso serve também para eu projetar uma carreira, uma obra, uma formação em determinada área do conhecimento. Tão importante quanto desejar e vislumbrar é reunir as condições de tornar realidade aquilo que projeto.

Isso exige capacidade de autoconhecimento. Eu preciso ter noção do que sou capaz, sobretudo para buscar informação, força, competência nos pontos em que ainda não estou capacitado para executar a ação que planejo. Eu preciso reforçar as minhas capacidades e agregar aquelas que não tenho. E o uso do termo “agregar” refere-se também à possibilidade de compor com a capacidade do outro. Dificilmente terei todos os atributos necessários ou os executarei no mesmo patamar de eficiência. O mais comum é ter alguns pontos fortes e outros em que, mesmo que os tenha aperfeiçoado, sempre haverá alguém mais desenvolvido. Isso é um fenômeno que se vê cada vez com mais frequência.

No mundo das ciências, por exemplo, dificilmente um prêmio Nobel tem sido dado a um único indivíduo. Notadamente nas últimas décadas, são duplas, trios ou mais os vencedores da honraria, mesmo que não tenham pesquisado juntos, como equipe. A figura

do cientista solitário trancado no laboratório está mais para o século XVIII do que para os tempos atuais, em que o conhecimento está cada vez mais inter-relacionado e os saberes são multidisciplinares.

No mundo do trabalho, é corriqueiro profissionais formarem parcerias, cada qual com o talento que o diferencia, para criar projetos. Acadêmicos de áreas diversas formam redes colaborativas para troca de conhecimentos. Empresas se unem, cada qual com a sua expertise, para viabilizar a entrada de um novo produto no mercado, ou para desenvolverem uma tecnologia ou um modelo de negócio inovador.

Atualmente, para dar um passo em direção ao inédito, é preciso juntar saberes e competências que uma só pessoa não tem condições de deter.

Eu, como indivíduo, porém, preciso ter consciência de quais são os meus pontos fortes e quais são as minhas vulnerabilidades antes de me lançar em qualquer empreitada. Talvez não dê novamente. E faz parte do processo de autoconhecimento entender até que ponto devo avançar, retomando o vigor de uma das sentenças do escritor latino Publílio Siro (85-43 a.C.): “Em toda iniciativa, pensa bem aonde queres chegar”.

Se eu me conheço, e algo não sai como o imaginado, em vez de uma frustração, tenho um aprendizado. Eu posso tentar de novo, porque, ciente das condições que se tornaram obstáculos ao meu progresso, posso enfrentá-las com maior nitidez no próximo passo.